
I.7 AMPLIANDO ESPAÇOS DE FORMAÇÃO CULTURAL NA UNIVERSIDADE: EXPERIMENTAÇÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS A PARTIR DAS CIRANDAS DO IMAGINÁRIO

Valeska Fortes de Oliveira
Vanessa Alves da Silveira de Vasconcellos
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Palavras- chave: Formação cultural, Experimentação
ética-estética e Imaginário

RESUMO

Este trabalho visa socializar um projeto educativo/formativo realizado numa parceria interinstitucional entre o GEPEIS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social / UFSM, e o GEPIEM - Grupo de Estudos e Pesquisas em Imaginário, Educação e Memória / UFPel. Por acreditarmos nos grupos de pesquisa como dispositivos de formação e percebermos que existem temáticas que precisam ganhar espaço nas discussões da universidade, desenvolvemos este projeto de extensão cultural. Assim, as Cirandas têm como objetivos promover em rodas de discussão o debate de temas, com o olhar a partir do campo teórico do Imaginário, instituindo um espaço de formação cultural. E também, promover estudos e debates sobre temas contemporâneos que nos inquietam como professores deste tempo; possibilitar intercâmbio entre pesquisadores que têm produzido na perspectiva do Imaginário; produzir coletivamente conhecimento acerca de temas com o foco no Imaginário e; ampliar os espaços de construção de

conhecimentos, aproximando nossas pesquisas do lugar onde os sujeitos atuam. Nesta ótica, concluímos que esse espaço promove outras formas de aprender e de ensinar, bem como, de pensar e de avaliar as relações insti-tuídas no âmbito universitário, a fim de que se movimente a dimensão cria-dora do Imaginário; propondo outras experimentações éticas e estéticas.

INTRODUÇÃO

O projeto tem como referência os estudos e pesquisas realizados em um Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social da Universidade Federal de Santa Maria, que se localiza do interior do estado do Rio Grande do Sul. O grupo constituído institucionalmente em 1993, no âmbito do Programa de Pós-Graduação dessa universidade. Com o intuito de agregar mestrandos e alunos de iniciação científica, através da socialização das pesquisas realizadas no âmbito da Educação e de outros pesquisadores, atuantes em outras áreas, que se utilizam deste referencial para agregar ideias, formando um riquíssimo espaço cultural, na qual a heterogeneidade das áreas, se torna homogênea devido ao Imaginário Social de Cornélius Castoriadis. Este projeto estende-se à comunidade do Centro de Educação da universidade em que foram realizadas as Cirandas e demais que se sentem envolvidos e instigados pelos temas propostos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A partir da diversidade existente no grupo outras temáticas foram sendo incor-poradas pelas nossas pesquisas, vindo a nos configurar como um grupo envolvi-do com as questões de gênero, do poder, da subjetividade e memória docente. As primeiras pesquisas foram indicadores da potencialidade dos estudos do Imaginário; como a perspectiva que traz para o cenário investigativo da educa-ção, a dimensão simbólica, tão desprestigiada pela cultura escolar e pela cultura docente, fortemente centrada em uma razão instrumental. Sabemos, com Wer-neck (2000, p. 97), que



O desejo de saber é natural no homem, cuja natureza foi, inicialmente, caracterizada pela racionalidade. Para o ser humano, viver segundo a natureza seria viver segundo a razão. O processo cognitivo foi reduzido ao intelectualivo, ao lógico teorético.

Indo a encontro das ideias de Werneck, pensamos que a universidade não tem cumprido com seu papel em relação a possibilitar que o homem mantenha a curiosidade e desejo ao conhecimento, as instituições “sufocam” o desejo de saber na medida em que dão respostas e não são flexíveis as demandas de saberes que seus alunos buscam construir.

Considerando que essa dimensão criadora é está carregada de reducionismos nas investigações e nas práticas educacionais é que trazemos o campo do Imaginário, entendendo que o psiquismo humano é marcado pela instância imaginária, constituindo uma força mobilizadora (de criação) que se alimenta mutuamente. É o Imaginário, segundo Durand (1990), que participa de toda atividade psíquica do homem, tanto teórica, quanto prática, constituindo a *alvorada de toda a criação do espírito humano*. O imaginário também se utiliza de símbolos, para exprimir-se, o simbólico está muito presente nas significações imaginárias que os participantes das cirandas nos revelam. Assim apresenta-se o simbólico para Castoriadis (1982, p. 155) “O simbólico comporta, quase sempre, um componente “racional-real”: o que representa o real ou o que é indispensável para o fazer e o agir.” ou pode ser percebido por Silva (2006) ao dizer que todo real é imaginário.

Na tentativa de propor outras perguntas e, talvez, outras respostas para problemas bastante antigos da escola e dos professores é que o Imaginário se constituiu um campo potente e viabilizador de outro olhar e de outro pensamento, distinto do ideal cartesiano. Ideal este que, segundo Baggio (1999, p.103).

Está agonizando, sendo inúmeros os “acertos de contas” que temos na produção científica atual, cuja proposta é integrar homem/ natureza; natureza/ cultura; corpo/ alma; real/ Imaginário, invocando a complexidade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade na produção do conhecimento.

Nessa perspectiva elegemos outra configuração de encontro: a Ciranda, definida como Roda, como “cantiga e dança infantil, de roda” (Michaelis, 2008).

Assim, buscamos trazer ao ambiente acadêmico os prazeres da dança e da cantiga infantil nas discussões do Imaginário, uma vez que “o Imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente.” (Silva, 2006, p. 9).

Através destas Cirandas, nos propomos a socializar estudos e debates à comunidade envolvida, além de fomentar aproximações com pesquisadores de outras instituições, brasileiras e estrangeiras. Este projeto se configura por ser uma ação extensionista, no sentido de propor um processo e espaço de formação cultural, tendo como território de referência a educação, socializando estudos ancorados em teorias do Imaginário Social; com os demais professores, alunos, funcionários da universidade em que atuamos.

Concordamos com Castoriadis (1982, p.414) “O imaginário social ou a sociedade instituinte é na e pela posição-criação de significações imaginárias sociais e da instituição como “representificação” destas significações e destas significações como construídas.”. As cirandas podem ser configuradas como espaços que propiciam experimentações e criação, pois assim como o saber, as cirandas estão sempre em movimento.

Dessa forma, as Cirandas mostram que é possível, outras formas de aprender, de configurar estratégias pedagógicas e de produzir outros pensamentos sobre os diferentes temas. Esse é o imaginário instituinte, que foge do que é imutável, assim transpomos para o cenário das Cirandas instituindo novos espaços formativos na universidade, no qual cada movimento que gera as Cirandas é único. Isso só é possível pela singularidade de cada sujeito que da roda participa, pois cada participante compartilha suas experiências, saberes e ideologias, estas por sua vez vão sendo agregadas com as aprendizagens dos outros participantes.

Assim, as Cirandas têm como objetivos promover em rodas de discussão o debate de temas, com o olhar a partir do campo teórico do Imaginário, instituindo um espaço de formação cultural. E também, promover estudos e debates sobre temas contemporâneos que nos inquietam como professores deste tempo; possibilitar intercâmbio entre pesquisadores que têm produzido na perspectiva do Imaginário; produzir coletivamente conhecimento acerca de temas com

o foco no Imaginário e; ampliar os espaços de construção de conhecimentos, aproximando nossas pesquisas do lugar onde os sujeitos atuam.

As “Cirandas do Imaginário” incentivam discussões a partir de temas para uma reflexão e uma “imaginação”. O objetivo também é colocar esses diversos temas em rodas de conversas, para a participação de todos aqueles se sentem envolvidos pelas Cirandas.

METODOLOGIA

Esse projeto está sendo desenvolvido em forma de rodas de discussão, sendo que no ano de 2011 iniciamos as cirandas para os calouros dos cursos de pedagogia, educação especial e formação profissional como também convidados e a comunidade participante e outra Ciranda que ocorreu no evento II Ouvindo Coisas: experimentações sob a ótica do Imaginário, com o intuito de sistematizar as discussões dos trabalhos enviados ao evento.

Os encontros vão muito além da simples discussão das temáticas a que se propõem; as Cirandas são compostas por vídeos, documentários feitos por nosso Grupo de Estudos e Pesquisas, músicas ao vivo, intervenções teatrais, instalações artísticas, conversas, opiniões, risos, amizades e saberes que cada um traz consigo. Elaboramos as Cirandas pensando num espaço possibilitador de (res)significações, pois “o sentido do que aparece não está no sujeito que conhece nem na coisa conhecida, mas nos efeitos de sentidos que vão se constituindo no processo de conhecimento” (Teves, 1992, p. 15). Além disso, contamos com o apoio dos meios de comunicação locais, onde divulgamos os encontros com seus respectivos temas, para que a comunidade envolva-se com as temáticas e participe das discussões. Por este projeto não ter órgão financiador, contamos com o apoio do Centro de Educação da Universidade onde acontecem as Cirandas e dos participantes do nosso grupo para organizar e executar as rodas de discussão que promovemos nas Cirandas.

A organização da Ciranda inicia em reuniões do grupo de pesquisa, escolhemos temas, possibilidades de convidados e atividades, em seguida, nos articulamos em comissões para melhor dividirmos as tarefas entre o grupo. Pensamos

as Cirandas em uma configuração de extensão, por se tratar de um espaço de formação cultural, em que um grupo de estudos do Imaginário estende à pessoas interessadas, as reflexões ancoradas neste referencial. Isto, a partir de estudos e debates em um processo coletivo, todos participam e tem a oportunidade de falar o que pensam, o que percebem como instituído e instituinte na sociedade e no próprio espaço da universidade, como também ampliando o sentido de formação dos acadêmicos participantes para além da formação em sala de aula e de cursos em forma de receituário.

DESENVOLVIMENTO

A primeira Ciranda realizada em março de 2011, intitulada “Universidade que lugar é esse?” surgiu com a ideia proporcionar um espaço de discussão sobre o espaço da Universidade, discutir o imaginário dos calouros a cerca desse espaço formativo, como também mostrar as nossas significações quanto um grupo de estudos e pesquisas participante desse meio e de pessoas que já estão a mais tempo utilizando-se do espaço formativo que a Universidade proporciona.

Para instigar todas as discussões, utilizamos vários dispositivos para causar inquietações nos participantes. Dessa forma produzimos um documentário, com fotos dos espaços físicos e falas de pessoas que vivem e participam da universidade. Na entrada da sala onde foi realizada a Ciranda colocamos obstáculos que simbolizavam a dificuldade de se chegar a uma universidade, enquanto os alunos chegavam escutavam seus nomes que foram gravados no dia do “listão” do vestibular, os acadêmicos ao ouvirem seus nomes como no dia que souberam de sua aprovação no vestibular se emocionaram. Logo que os alunos se acomodaram na sala, começou uma intervenção teatral, simbolizando os tipos de aulas que iriam ter ao longo do curso, assim foram dadas as boas vindas.

A primeira dinâmica consistia na apresentação de si através de imagens, valorizando cada um que estava presente e suas trajetórias, possibilitando que os participantes se conhecessem e criassem um vínculo que se estabeleceria ao longo do curso. As discussões sobre o que cada um pensava sobre a Universidade e o que esta significava e mudava sua vida, tiveram início com uma dinâmica da



dança de balões, estabelecendo um contato corporal primeiramente e depois ao estourar os balões, os calouros tinham que responder perguntas. Esta recepção se tornou o primeiro espaço reflexivo que os alunos participaram ao entrar na universidade, assim já tiveram espaço para exporem suas opiniões, angústias e anseios. Tal experiência lhes mostra que a universidade não é um lugar de se obter respostas, mas refletir, construir saberes, falar, perguntar e questionar quantas vezes for preciso.

O final das cirandas foi marcado por muita emoção, aqueles que mais se sentiram provocados escreveram em um mural respondendo a pergunta “Que universidade é essa?” tivemos assim muitas contribuições tais como: “Fazer parte da universidade é um marco em minha vida”, “A Universidade é sociabilidade”, “A Universidade é uma porta que abre caminhos para o conhecimento” e “A universidade é onde vou me realizar”. A partir destas escritas percebemos que a Universidade é vista como uma mudança de vida, formação pessoal, como também crescimento profissional. Estas foram as atividades realizadas na Cirandas, provendo discussões significativas e (res) significações dos imaginários sobre a universidade e da formação que ela oferece, com as turmas de Pedagogia e Educação Especial.

Na turma de Formação de professores formadores a dinâmica precisou ser diferenciada, pois esse curso abriga profissionais de diversas áreas que já possuem graduação e que buscam formação para o exercício da docência. Neste caso, foram problematizadas questões sobre educação, o exercício da docência, com a participação efetiva de todos os participantes, que puderam expressar seus imaginários e segredos que povoam suas mentes a respeito deste tema, possibilitando também ver o que os alunos pensam sobre os professores, o que eles buscam na formação, sentidos que talvez não sejam conhecidos pelos professores. Muitas mobilizações provocaram os professores a (re) pensar sua prática profissional enquanto docentes, dinâmicas como apresentação de si para além do perfil profissional.

A segunda Ciranda realizada em novembro de 2011, no evento “II Ouvindo Coisas: Experimentações sob a ótica do Imaginário”, os participantes tinham que criar maneiras de socializar os trabalhos apresentados nas salas de discussões

para que todos participantes do evento soubessem as temáticas abordadas nas salas, as sínteses foram variadas e criativas mostrando o que mais marcou em cada sala sem deixar de aparecer as individualidades dos trabalhos.

Como propostas de sistematizações tivemos apresentações dramatizadas, dinâmicas, jogos que envolvessem o público, como também danças. Essas maneiras que os grupos criaram pra apresentar o que mais os implicou e instigou os participantes a lerem os trabalhos enviados ao evento e expor opiniões, experiências e ideias sobre os assuntos. Logo após a Ciranda prosseguiu em um ritmo natural, uma roda com muito movimento, movimento de bagagens culturais repleto de poesias e canções, que fazem parte dos sentimentos e vivências individuais e grupais, todos se sentiram a vontade de compartilhar seus gostos poéticos e musicais, causando emoções, criando e consolidando laços afetivos e amizades enriquecendo o repertório cultural de todos os participantes, tornando-se também uma troca de saberes docentes.

Dessa forma, o sucesso dessa ciranda deu seguimento aos objetivos esperados pelo Encontro Ouvindo Coisas, que pretendia transmutar o formato clássico dos eventos na contemporaneidade, oferecendo aos participantes experimentações sensíveis a partir do vivido, nas questões ligadas ao imaginário e a dimensão do coletivo nos diferentes espaços e formações sociais. Assim, pelo imaginário tornamos possível abordar sociedade, cultura, educação e saúde, sendo estes os temas que foram propostos para as rodas de discussão, na qual se encontravam os trabalhos dos participantes.

A ciranda, nesse cenário, veio com o intuito de aproximar ainda mais os participantes do evento, na qual eles tinham um espaço para expressar de maneira diversa uma síntese do que haviam trabalhado nas salas, bem como experimentar outros possíveis modos singulares de formação no espaço da universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas que participam das Cirandas sentem-se a vontade para contribuir e expor opiniões. Os temas são distintos, provocadores e instigantes, o que na Ciranda é discutido continua a girar e girar até que ocorra uma outra Ciranda, esse

é o motivo que faz as rodas de discussão ainda ocorrerem dentro desse espaço acadêmico. É considerada por seus participantes um momento de formação, que ocorre ao natural e divertida que contribui significativamente tanto para formação pessoal quanto profissional. Dessa maneira as intervenções teatrais, mudanças no espaço físico, construção de vídeos e demais atividades enriquecem os debates e já se configuraram como uma característica do evento.

As cirandas acontecem no espaço da universidade, mas se tornam o lugar da cultura quando os sentidos circulam na roda. Como aponta Cunha (2008, p. 184):

A dimensão humana é que pode transformar o espaço em lugar. O lugar se constitui quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades. Quando se diz "esse é o lugar de", extrapolamos a condição de espaço e atribuímos um sentido cultural, subjetivo e muito próprio ao exercício de tal localização.

A Ciranda é um movimento de roda que permite que todos participem se olhem, se escutem, se reconstruam, experimentem sensações nunca vividas e outras adormecidas que foram recordadas através dos dispositivos que criamos e que fizeram parte das Cirandas.

Pudemos perceber durante as rodas de conversa que os imaginários que circulavam nas falas, estavam cruzados. Percebemos que o imaginário individual também pertence a um coletivo, é instituído, mas pode ser insintuente. Corroboramos para esse entendimento Teves (1992, p. 71) ao falar da relação indivíduo/grupo:

O indivíduo pode, incessantemente, rotacionar seus signos, gravitando na faixa de tornar os conceitos sempre outros. O grupo social tende a diminuir a rotação, a prolongar o tempo de um estado, a fazer os conceitos estatuídos ficarem sem grandes e deliberadas alterações.

As representações dos participantes acerca dos temas discutidos nas Cirandas, perpassa por gerações, pois todo o imaginário é preexistente (Silva, 2009). Enfim, que sejam crianças em permanente movimento do saber. O Cirandismo permite que se entre na roda, que se dance, questione, critique e renove ideias, transformando-as, modificando-as todas num processo incessante, que é a vida,

que não para, que não cessa. Nesse sentido, vêm crescendo e promovendo aos participantes vivências formativas carregadas de significações imaginárias, rica de sentidos e viabilizadora de aprendizagens singulares, instituindo no espaço acadêmico novas formas de pensar as produções de conhecimento e cultura no âmbito da universidade. Assim acreditamos ter proporcionado a todos os cirandeiros experimentações éticas e estéticas na sua formação.

REFERÊNCIAS

- Baggio, A. (2002). *Crise dos paradigmas: inter-transdisciplinaridade*. In: RAYS, Oswaldo Alonso. Educação: ensaios reflexivos. Santa Maria: Pallotti.
- Castoriadis, C. (1982). *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Cunha, Maria Isabel da. (2008). Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. *Revista Educação UNISINOS*, v. 12, n. 3, set.-dez.
- Dicionário Digital. (2008). *Michaelis*: Rio de Janeiro. Cd-rom
- Durand, Gilbert. (1990). *A Imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix.
- Silva, Juremir Machado. (2006). *As tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina.
- Teves, Nilda. (1992) *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus: Faculdade de Educação da UFRJ.
- Werneck, V. R. (2000) O conhecimento do valor na construção do sujeito. In GRANATO, T. A.C. *A educação em Questão: novos caminhos para antigos problemas*. (p. 95-108) Petrópolis: Vozes.

